

## **SBS – XII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA**

### **GT17 - Sexualidade, Corporalidades e Transgressões**

#### **Sexualidade, gênero e masculinidade no mundo dos t-lovers<sup>1</sup>**

*a construção da identidade de um grupo de homens que se relacionam com  
travestis*

Larissa Pelúcio

---

<sup>1</sup> Este texto foi produzido entre os meses de fevereiro e abril de 2005, e é fortemente datado, uma vez que o dinamismo dos encontros dos *t-lovers* fez com que algumas das discussões presentes aqui já não sejam mais pertinentes. No momento (setembro de 2006) o fórum de e-mails, assim como o próprio Dia T, passam por um processo de “revitalização”, depois de viverem tempos de “abandono”, por distanciamento de lideranças. Além disso, as rivalidades entre os *t-lovers* do Rio de Janeiro e São Paulo se diluíram frente a outras questões de organização que foram se impondo. Aprofundar-me nessa trajetória me obrigaria a escrever um outro texto, o que ficará para outro momento.

**Resumo:** O objetivo desse artigo é discutir a identidade *t-lover*, isto é, de homens que se relacionam sexualmente com travestis, centrando a discussão na constituição do grupo paulistano, que vem se organizando a partir de reuniões semanais e de fóruns na rede internacional de computadores. Gênero, sexualidade, identidade e masculinidade são categoriais que se entrecruzam nesse debate e alicerçam a análise, cujo escopo teórico dialoga com a teoria *queer*, com o pós-estruturalismo foucaultiano entre outras contribuições da literatura específica sobre masculinidade e as abordagens das ciências sociais sobre o universo travesti. O método de pesquisa baseou-se na etnografia clássica, inovando, porém, ao se valer da Internet como instrumento de aproximação e investigação. Trabalhou-se com entrevistas em profundidade, questionários, anotações do diário de campo entre outros recursos investigativos.

**Palavras-chave:** *T-lovers, travestis, masculinidade, gênero, identidade e sexualidade.*

## “Joining The T-World”<sup>2</sup> - conhecendo os *t-lovers*

O termo *t-lover* chegou ao Brasil via rede mundial de computadores, nascido na onda dos movimentos identitários que ganharam força nos anos 80, sobretudo depois do surgimento da aids. Segundo um dos *t-lovers* pioneiros, o carioca Alex Jungle, o termo derivou de *t-girl*, usado por algumas ONG norte-americanas para se referirem a transgêneros. Assim, os homens que se relacionavam com as *t-girls* (tgs)<sup>3</sup> eram, conseqüentemente, os *t-lovers*. Um de meus informantes *t-lovers*, que reside nos Estados Unidos, me diz, porém, que esse termo é pouco usado por lá e vincula-se estreitamente ao universo homossexual. Diferentemente do que vem ocorrendo no Brasil, onde os *t-lovers* estão fortemente identificados com a heteronormatividade, trabalham e reforçam a masculinidade enquanto valor simbólico, associando-a sempre à “normalidade”, em oposição à homossexualidade, tida como “desvio”. A contradição aparente dessa visão pode

---

<sup>2</sup> Frase que acompanha o texto de apresentação de uma das lideranças *t-lover*, Alex Jungle, no sistema de interação *on-line* Messenger.

<sup>3</sup> O termo é próprio do ambiente sexual da Internet, bastante usado pelos *t-lovers* e já assimilado pelas travestis mais assíduas aos encontros ou que têm acesso mais freqüente à rede de computadores. “A renomeação de um objeto equivale, portanto, a uma reavaliação de nossa relação com ele” (Strauss. 1995: 40). Quando as travestis deixaram de ser assim nomeadas para serem *t-gatas*? Mais importante do que localizar no tempo essa renomeação seja talvez pensar nos seus significados. O termo travesti esta estreitamente vinculado à prostituição, soando, em alguns ambientes, quase como uma redundância se falar em travestis que se prostituem. Além disso, o uso do artigo feminino precedendo a palavra travesti é recente e, ainda, muito restrito, não sendo usado nem mesmo entre o grupo, com exceção das travestis engajadas nos movimentos sociais. Prostituição e a vinculação com uma figura masculina são dois elementos cercados de questões morais que pesam sobre a palavra travesti. Enquanto o termo *t-gata* pede o artigo feminino, e traz o valor positivo da gíria “gata”, usada inicialmente por jovens das classes médias urbanas, para se falar de mulheres bonitas. Renomear as travestis, é assim, mais do que reavaliar a relação que esses homens tem com elas, mas se desassocia de uma identidade cercada de estigmas.

ser entendida e problematizada também, a partir da discussão sobre gênero, travada mais à frente.

Uma primeira questão que se impõe é considerar que termo *t-lover* é relacional, pois exige que saibamos o que é uma travesti<sup>4</sup> para que tenhamos a dimensão dessa identidade. As travestis são pessoas que se entendem como homens que gostam de se relacionar sexual e afetivamente com outros homens, mas que para tanto procuram inserir em seus corpos símbolos do que é socialmente é tido como próprio do feminino. Porém, não desejam extirpar sua genitália, com a qual, geralmente, convivem sem grandes conflitos. Mas, não basta se vestir de mulher para ser travesti. Para Claudinha Delavatti, travesti já falecida, “*travesti que não toma hormônio não é travesti, pensa que é carnaval e sai fantasiado de mulher*” (citado por Lopes. 1995: 225). Hélio Silva em sua etnografia sobre as travestis da Lapa cita a fala de uma delas que diz que além dos hormônios é preciso que se faça aplicações de silicone a fim de dar forma ao corpo (Silva. 1989: 117). As travestis, além dessas intervenções no corpo e da apreensão de uma série de técnicas corporais que as distancia dos padrões masculinos, buscam se comportar segundo prescrições de comportamentos socialmente sancionados como femininos.

Todas as travestis com as quais tenho contato se sabem “homens”<sup>5</sup> e por isso mesmo, muitas reconhecem sua orientação sexual como sendo “homossexual”. Mas ainda assim, não se identificam com os homens homo-orientados. Como explica Sandra em depoimento a Benedetti: “*A gente é viado, mas as gays são as gays e as travestis são as travestis*”. As “musas” dos *t-lovers* são essas pessoas altamente empenhadas na construção permanente de si mesmas, na subversão de um “destino” – apregoado pelo sexo biológico – em um gênero construído. Para elas, talvez mais do que para eles, gênero é trabalho e aprendizado, para me colocar nos termos de Giddens, em *Modernity and Self-Identity*.

---

<sup>4</sup> Uso o artigo feminino para me referir às travestis não só por uma posição política, mas também para estar mais de acordo com a forma que os *t-lovers*, conforme definidos mais à frente neste artigo, se referem a elas.

<sup>5</sup> Uso a palavra entre aspas para marcá-la como um termo usado pelas minhas informantes, assim como para deixar evidente que esta definição de sexo conforme aparece neste trecho está distante daquela que pretendo discutir neste trabalho, estando filiada no presente contexto à idéia de senso comum segundo a qual a genitália define um sexo e este, por sua vez, define um gênero.

Minimamente definido o que entendo como travesti, circunscrevo também o que considero como *t-lover*. Para os fins desse trabalho, são *t-lovers*<sup>6</sup> apenas os grupos restritos que vem se organizando em várias grandes cidades do país e do exterior em torno de encontros *off-line*<sup>7</sup> e fóruns de debate via Internet<sup>8</sup>.

Os *t-lovers* se apresentam com “nicks”<sup>9</sup>: Wildcat, Rolamorena, Blueman, Machogostoso, Samurai, Fogo, são alguns deles. Grande parte deles pertence à classe média<sup>10</sup>: são profissionais liberais, estudantes, vendedores, representantes comerciais, micro-empresários. As idades variam entre 20 e 60 anos, com maior presença dos que estão entre 25 e 40 anos. A maioria é casada ou mantém relacionamentos fixos com mulheres, que eles chamam de ggs, *genetic girls*. E, como já foi dito, se identificam como heterossexuais.

Diversos caminhos do mundo *on-line* me levaram aos *t-lovers*. Foi pelo sistema de conversa em tempo real, Messenger ou MSN, que teclei pela primeira vez com Jnr\_Atv, hoje um importante colaborador. Nesta primeira conversa, ainda muito embaraçado, mas sensivelmente desejoso em falar sobre o tema travestis, ele mencionou que iria, no dia seguinte, a um T-Day, o encontro *off-line* de homens que gostam de travestis. Contava-me ele<sup>11</sup>:1

**Jnr\_Atv diz:**

*vc deve saber q existem vários grupos de pessoas q gostam de travesti na net, e eu faço parte de alguns legais, onde se discute bastante, tenho ate um grupo mas abandonei um pouco por falta de tempo.*

---

<sup>6</sup> Apesar de existir um grande número de ambientes *on-line* onde homens interessados em ter sexo com travestis transitam, não existem vínculos suficientemente sólidos entre eles para que possam se ver ou serem vistos como um grupo claramente delimitado.

<sup>7</sup> Esclareço que uso os pares *on line/off-line*, no lugar de virtual/real, me valendo da discussão feita por alguns autores que estudam essa área na Antropologia. Segundo esses autores, o par virtual/real coloca em oposição esses termos, e o que se constata é que as interações ocorridas no universo dito virtual são bastante reais, e muitas vezes se pautam nas ocorridas na sociabilidade *off-line* e vice-versa. Concordo com eles nesse ponto, por isso adoto aqui o par *on-line/off-line* para me referir ao que acontece nas interações via Internet e fora dela (Guimarães Jr. 1999 e 2004, Thomsen et al. 1998 e Dornelles. 2004). Considerando ainda que ambos os espaços se influenciam, convivem e pautam a sociabilidade que se desenvolve em cada um deles. Não são, portanto, compartimentados, mas imbricados.

<sup>8</sup> Existem *blogs, sites e fóruns* onde os *t-lovers* se encontram. Naqueles espaços trocam informações diversas sobre travestis, práticas sexuais, relatos de experiências, além de postarem atas dos últimos encontros *off-line*, fotos de travestis, dicas sobre programas, entre outros assuntos correlatos. Nesses espaços são também postados, texto escritos por algumas travestis mais próximas aos grupos, *links* para páginas que versam sobre o tema ou oferecem programas sexuais com travestis e para *blogs* das travestis de mais prestígio no universo “T”.

<sup>9</sup> Apelidos em inglês, mas que se tornou um termo usual em português devido ao seu largo uso na Internet

<sup>10</sup> Uso o termo classe média de acordo com Bonelli (1989), que ao definir classe média refere-se “à enorme massa heterogênea de pessoas que se encontram nos escalões intermediários da pirâmide social” (p. 13). Subdividindo está, em média e alta, procurando distinguir assim diferentes níveis de educação, visões de mundo e tipo de trabalho exercido.

<sup>11</sup> Mantive as abreviações comuns nos diálogos via MSN, e a grafia própria desse meio, corrigindo apenas os erros de digitação.

(...)

**Jnr\_Atv diz:**

*hoje é o dia-T*

**Larissa diz:**

???

**Jnr\_Atv diz:**

*onde alguns membros se reúnem em um bar no centro de sp*

**Jnr\_Atv diz:**

*e sempre aparecem algumas bonecas<sup>12</sup>*

(...)

**Jnr\_Atv diz:**

*Mas só para conversar e beber cerveja. Interagir.*

Ele compareceu no dia seguinte, 24 de setembro de 2004, ao seu primeiro Dia T. Mas antes de falar mais desses encontros, gostaria de apresentar um dos canais aberto na Internet, estreitamente relacionado a esse evento: o grupo de e-mails aj-sp.

### ***T-lovers fazem amizade e sexo na rede - o grupo “aj-sp”<sup>13</sup>, do yahoo grupos***

Navegando na Internet, sobretudo em ambientes voltados para encontros sexuais a partir da rede internacional de computadores, o usuário do sistema irá se deparar com alguns termos e abreviações próprios da linguagem do ciberespaço. Entre estes encontrará muitas vezes as abreviações “tv”, “tg” referindo-se a travestis. Logo o usuário concluirá que no ambiente sexual do ciberespaço a letra “T” precedendo outras consoantes indica na maioria das vezes afinidades ou identidade com o universo travesti.

Quando o usuário da net<sup>14</sup> se inscreve no aj-sp recebe automaticamente um e-mail de boas-vindas que explica como se valer do sistema e como dele se desfilhar (não só do aj-sp, como de outro grupo vinculado ao mesmo, intitulado “bonecas que amamos”):

Em seguida, um outro e-mail será remetido, desta vez com as regras de conduta. Uma espécie de estatuto.

*Algumas normas para orientar nossas discussões e tornar nossas conversas proveitosas:*

*Foco - Nosso foco é fechado nas T-Gatas. Não se fala em outro assunto que não seja esse .*

---

<sup>12</sup> Esta é uma outra forma muito recorrente entre *t-lover*, e também entre *t-gatas*, de se referirem às travestis.

<sup>13</sup> AJ, sigla de Alex Jungle, o mentor do grupo e do T-day no Brasil. O fórum tem um mediador, Sr. Pinto e pelos menos dois elementos que cuidam de questões técnicas: Fogo e Wildcat, este último responsável pela atualização da página do fórum e de passar informações para o BlogT, Página de notícias e sites correlatos sobre os dias T (encontros dos homens que gostam de travestis) no Rio, Belo Horizonte e São Paulo.

<sup>14</sup> É assim que os usuários habituais se referem à Internet.

*Relatos - Incentivamos e adoramos os relatos sobre experiências com travestis.*

*Segurança - Trocamos e incentivamos o relato de dicas de segurança para se sair com travestis sem cair em roubada.*

*Listas - Nada de listas negras escritas. As pessoas podem comentar tudo sobre as bonecas, os problemas e constrangimentos que sofreram durante programas, inclusive dizer se são listas negras, mas não vamos criar cartaz de recompensa como no velho Oeste.*

*Comportamento - Advertência para quem for inconveniente ou estiver faltando com o respeito aos membros do grupo. Respeito acima de tudo. Ninguém é obrigado a concordar com ninguém, mas tem que dar sua opinião de forma respeitosa. Em caso de reincidência, expulsão sumária.*

*Preconceitos - Barrada qualquer manifestação preconceituosa contra gays e outras minorias.*

*Estímulo ao debate - Estimular o debate de temas ligados a travestis que saiam na imprensa.*

*Dignidade do ser humano - Pretendemos ser um canal para dignificar as pessoas, destacando as travestis e transexuais. Respeitamos a orientação sexual de todos os membros.*

*Fotos e senhas - Podemos postar fotos e senhas. Mas este não é o propósito básico do grupo. Queremos incentivar as discussões e a troca de informação.*

*(...) No mais, aproveite esse local para aprender com os mais experientes e repartir conosco suas experiências, que são muito bem vindas.*

*A casa é sua!*

*Sr. Pinto (moderador)*

Nem todos os tópicos são respeitados em todos os momentos, mas certamente funcionam como balizas. Por exemplo, em relação ao tema único, t-gatas. Há pouco tempo, uma grande polêmica se estabeleceu no grupo em relação a tópicos postados ali. Um dos membros passou a enviar listas de emprego. Depois de alguns e-mails com esse teor, um dos usuários do sistema reagiu, dizendo que aquele não era assunto para o aj-sp. Outros membros manifestaram-se a favor das listas, justificando que ali se havia criado um espaço de “irmãos”, de pessoas que queriam colaborar umas com as outras. Outros concordaram com o “reclamante”. Essa divisão fez com que a discussão ficasse acalorada, a ponto de suscitar e-mails com ofensas diretas e uso de palavrões. Ao fim, o moderador determinou que os e-mails com esse tema ou outros que não direta ou indiretamente ligadas às travestis deveria ser identificado com o título *off topic*.

Os relatos de aventuras sexuais não são freqüentes, e são quase sempre feitos pelos mesmos membros. Proponho que esses relatos evidenciam um aspecto paradoxal do grupo, pois ao mesmo tempo em que os *t-lovers* pretendem resgatar a dignidade das travestis, tratá-las como pessoas e não meros objetos sexuais, as narrativas salientam um aspecto bastante peculiar da masculinidade: o de se comprazer com a exposição de suas aventuras sexuais bem sucedida. Mostram, assim, como são hábeis conquistadores. As travestis são mercantilizadas nesses pequenos contos eróticos que são os relatos, pois as façanhas vem acompanhadas do nome e o celular da “gata”, tornando-a acessível a outro que se interesse. O fato é que elas são pessoas que estão no mercado sexual, assim, e é provável que esses relatos sejam interessantes instrumentos de divulgação de seus serviços. A partir da perspectiva teórica proposta, cabe problematizar essa exposição das aventuras sexuais, não como crítica moral, mas como um dado que permita se pensar nas relações de gênero e masculinidades. Nessa medida, os relatos perdem seu caráter paradoxal para se integrarem harmoniosamente na lógica interna do grupo: a do reforço da masculinidade hegemônica, conforme discutirei mais à frente.

Tratadas como “mulheres”, as t-gatas vivenciam essas formas de tratamento tidas como gentis. Nas noites de encontros do Dia T, elas não pagam o que consomem. São tratadas como as “musas”, os seres que os inspiram. Sugerindo a atividade criativa do que é inspirado, e a passividade doce do ser inspirador.

As chamadas listas também são tema de debates, como aparece no “estatuto”. Há siglas usadas por eles: LB e LN (lista branca e lista negra). As LNs são aquelas consideradas “perigosas”, e as LNs, as que não roubam, fazem tudo que havia sido acordado e tratam bem os clientes. Pareceu-me curioso que questões ligadas à saúde sexual das travestis não façam parte dos critérios das referidas listas. “Não tem sentido isso, porque pode virar uma verdadeira caça as bruxas. Cada um é que tem que se proteger. Isso é uma questão de postura que o *t-lover* tem que ter”, explica o *t-lover* Encantador.

Além das dicas de segurança para sair com travestis, encontra-se nos e-mails tópicos como reclamações sobre baixaria nos sites afins; dicas e informações sobre t-gatas; divulgam leis que proíbem a discriminação contra transgêneros (no mês de setembro de 2004 estavam em plena campanha pela candidatura da transexual curitibana Maitê Schneider); recepcionam os novatos que se apresentam naquele espaço; algumas travestis e transexuais também trocam mensagens de apoio acerca de problemas familiares ou de preconceitos

sofridos em diversos ambientes; os *t-lovers* trocam impressões sobre livros, crônicas e artigos de jornal; ironizam uns aos outros em tom de brincadeira entre parceiros; cometam sobre o último Dia T. Ultimamente, disputavam com o grupo carioca a legitimidade de se intitularem *t-lovers*, além de discussões acaloradas sobre os rumos do encontro paulista.

Há entre eles um clima de camaradagem bem masculino, com piadas maledicentes sobre preferências futebolísticas de cada um; ironias sobre a “atividade” ou “passividade” sexual de um ou outro membro, brincadeiras que remetem à feminilização, entre outros temas considerados pela masculinidade hegemônica como legítimos do universo masculino.

Ainda que boa parte das interações entre os *t-lovers* ocorra em ambientes *on-line* (e mesmo, muitos nunca se encontrem *off-line*), as parcerias, afinidades, apoios, desabaços, circulam no aj-sp. Há uma grande preocupação em afirmarem os vínculos fraternos, bem como os estereótipos da masculinidade. Há algum tempo já, os frequentadores mais contumazes, tanto do espaço *on-line* como *off-line* passaram a se chamar de irmãos. A fraternidade declarada, juntamente com o reforço dos estereótipos masculinos, estabelece as balizas dessa relação, de maneira que o afeto que têm um pelos outros não seja jamais confundido com desejo sexual.

Como já mencionado, algumas travestis, transexuais e algumas CD (*cross dress*)<sup>15</sup> também participam do aj-sp. Essas pessoas são tratadas ali como mulheres, e procuram se comportar dentro dos modelos aceitos e referendados pelo discurso heteronormatizador do que é próprio e legítimo como expressão do feminino. A idéia de “mulher-objeto” como ícone do feminino ainda bastante cara no Ocidente, como nos lembra Oliveira (2004: 242), é cultivada pelas t-gatas. Aliás, muitas atribuem ao “ser mulher” imagens de fragilidade, frivolidade e até mesmo, de ensaiada ingenuidade, manifesta em olhares lânguidos, bocas levemente abertas, encolher de ombros, entre outros gestos que procuram evidenciar sua fragilidade diante de algumas situações.

---

<sup>15</sup> As *cross dress* são figuras recentes no menu sexual da Internet. Como o próprio termo em inglês sugere, essa é uma categoria importada e se refere a homens que gostam de viver em alguns momentos de sua vida de forma feminina, isto é, vestindo-se com roupas socialmente vistas como femininas, incluindo peças íntimas, perucas e acessórios; fazem maquiagem que dê contornos mais femininos ao rosto e disfarcem a marca da barba. Apesar dessas transformações, não fazem modificações radicais em seus corpos, como plásticas, injeções de silicone líquido, implantação de próteses para os seios ou ingestão de hormônios femininos, como é prática entre as travestis. São geralmente pessoas de classe média, isto é, angariam um *quatum* considerável de capital social e cultural e, muitas vezes, se identificam com o universo gay.



Comecei a acompanhar os e-mails do grupo em 02 de outubro de 2004, quando os encontros *off-line* ainda eram novidade, assim como o próprio fórum do aj-sp. Cerca de seis meses depois, a mudança no tom das mensagens postadas tornou-se perceptível. Da camaradagem crescente às primeiras rugas, surgiram as desavenças veladas sobre o que e como deveria o Dia T<sup>16</sup>. As fofocas, mexericos e desconfianças vieram à tona, frutos do próprio estreitamento dos laços, da assiduidade aos encontros e dos desgastes que a organização do grupo, que é de fato heterogêneo, demanda.

Á época de meu trabalho de campo, os *t-lovers* estavam em pleno processo de construção de identidade, o que fazia surgir disputas pelo poder de se denominar *t-lover*. Esse auto-reconhecimento estaria, segundo algumas lideranças, associada a condutas e comportamentos prescritos nas discussões postadas no fórum de e-mails, sendo negado o direito de se intitular *t-lovers* aos que não se adequassem aos preceitos propostos. Essa tentativa de normatizar comportamentos não encontrou aceitação de parte dos frequentadores dos espaços *on* e *off-line*, gerando acirrados debates. Ainda que eles não tenham chegado ao um consenso sobre o que seria um “verdadeiro *t-lover*”, creio ser possível propor uma definição para o termo, ainda que de forma ensaística e esquemática:

*T-Lover* = homem normal que gosta de travesti, ou seja, uma identidade criada para exorcizar a socialmente disponível de gay = todo homem que se relaciona sexual e amorosamente com outro homem.

*T-Lover* é uma identidade virtual, em construção, que atenta para práticas e busca se distanciar de uma incorporação e naturalização (o que aconteceu com a identidade psiquiátrica do homossexual). Gay é a versão assumida e socialmente reconhecida do homossexual despatologizado. Os *T-Lovers* querem ter suas práticas sem serem associados nem à homossexualidade nem à esfera gay (Miskolci)<sup>17</sup>.

---

<sup>16</sup> No início do ano de 2005, o grupo viveu uma crise em relação aos objetivos e rumos do encontro. Pairaram desconfianças e acusações veladas sobre alguns membros, tencionando o ambiente e esvaziando os encontros. Essa situação foi aos poucos sendo contornada, dando lugar a outras celeumas em torno da identidade do grupo.

<sup>17</sup> O trecho acima foi extraído de conversa via MSN entre o professor doutor Richard Miskolci e a autora. O mesmo era naquele momento orientador responsável pela pesquisa que realizo junto ao programa de pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos. Função que exerceu até o término do pós-doutorado da orientadora titular, a professora doutora Marina Cardoso.

Todo esse processo tem se passado, no caso do grupo que me dedico aqui, em duas dimensões: o mundo *on-line*<sup>18</sup> e o *off-line*, o qual passo a descrever a seguir.

### ***O Dia T paulista – da rede para a boca-do-lixo***

*O encontro, que hoje ocorre em São Paulo, Rio<sup>19</sup> e Portugal, começou por iniciativa de diversos T-Lovers, que durante muito tempo estavam agregados e convivendo no Blogtravestis (<http://blogtravestis.da.ru>) (...)*

*Na idéia, de sair do virtual, e ir para o real, respeitando o sigilo e a discrição, em virtude da situação da maioria, de casados e comprometidos em geral. Mas com o escopo de formar um grupo de amigos com interesse comum, e que pudessem se reunir em um Happy Hour, para trocar idéias e experiências. E ao invés de ficarmos isolados, dentro de nossos carros, atrás de uma película de insulfilm, com medo, nos arriscando, pudéssemos fazê-lo em conjunto como Bons Companheiros, reunidos em uma sociedade, digamos, semi-secreta<sup>20</sup>.*

*Assim iniciou-se o processo de escolha do lugar. (...) Em São Paulo, graças a nossos companheiros Encantador e Fogo, foi escolhido o Bar Elenice, que entre outras vantagens está localizado no epicentro do mundo T-Gatício de São Paulo, ali na esquina das Ruas Major Sertório e Rego Freitas, tradicional ponto delas, ou pista como queiram.*

*(...) Nisso se formou um grupo de freqüentadores, que hoje são muito amigos e podem desfrutar de diversos benefícios daí advindos. Com o crescimento de nosso encontro, várias T-Gatas começaram também a participar conosco, tudo em franca camaradagem, em volta de uma boa mesa com muitas cervas geladas.*

*Assim, o evento tem também servido para estreitar laços entre nós e nossas musas. Além disto ao final das reuniões, sempre saímos para uma volta pela região, conversando com elas, tirando fotos das mesmas, divulgando nosso movimento e nossas intenções.*

---

<sup>18</sup> Ative-me na apresentação do universo *on-line* ao grupo de e-mails, o aj-sp, do Yahoo! Grupos. Mas existem outros tantos canais, os principais são o *BlogT*, mantido por Alex Jungle; o *Sampatrans*, de Paulinho Case (recentemente extinto pelo seu administrador); o Loiz Damazo (<http://damazo.groobyforums.com/index.php>) fórum organizado por Loui Damazo e o *Fascinação*, fórum português, mantido por Ovoboy e Fascinação.

<sup>19</sup> Atualmente o encontro ocorre também em Belo Horizonte (MG).

<sup>20</sup> A própria idéia de “sociedade semi-secreta” somada a idéia de “bons companheiros” (título de um filme sobre relação de compadrio e amizade entre membros de uma gang de mafiosos nos tempos da Lei Seca norte-americana), remete aos antigos grupos essencialmente masculinos como Maçonaria, no qual se compartilha segredos, saberes e promove-se a iniciação dos novatos que por ventura venham a ser aceitos. A idéia de irmandade reforça também a de solidariedade masculina, sugerindo uma separação radical entre o “mundo dos homens” e o das mulheres. Nas palavras de Welzer-Lang ao se referir a rituais de iniciação á masculinidade presentes também em nossa sociedade: “ter prazer juntos, descobrir o interesse do coletivo sobre o individual, são valores que fundam a solidariedade humana. É verdade que na socialização masculina, para ser um homem, é necessário não ser associado a uma mulher. O feminino se torna até o pólo de rejeição central, o inimigo interior que deve ser combatido sob pena de ser também assimilado a uma mulher e ser (mal) tratado como tal” (Wezel-Lang. 2001).

*(...) Hoje, através do citado grupo é possível saber de encontros extraordinários da Turma, em outros dias e outros horários, idas em grupo às boates GLSTB como a Plane G, A Louca, Danger, Level, que são boates também freqüentadas por nossas musas, onde nos encontramos com elas a procura de relacionamentos extra programas, extra relações profissionais. (...) Espero ter abordado todos os tópicos sobre nosso encontro! E lembrando ainda que ele é aberto a todos os interessados, todos serão sempre muito bem-vindos.*

*Abraços*

*Wildcat.*

O e-mail acima, escrito por uma das lideranças do grupo, dá uma clara idéia da gênese e objetivos dos encontros entre *t-lovers* e *t-gatas*, que ocorre desde junho de 2004. Passei a freqüentar esses encontros em outubro do mesmo ano. Como já havia feito contato com um dos freqüentadores, Jnr-Atv, segui as orientações dele no sentido de fazer a aproximação com o grupo. Assim, enviei um e-mail ao aj-sp me apresentando e falando de minhas intenções. A notícia repercutiu rápida e positivamente. Fui bem recebida pelo moderador e por uma das claras lideranças do encontro, Wildcat. Isso me deu segurança para realmente comparecer. Assim, na noite de 14 de outubro lá estava eu, acompanhada por meu informante subindo as escadas para o “reservado” do Elenice.

O Elenice é um botecão de esquina, bem paulistano, estilo “sujinho”, onde travestis, michês, clientes fazem refeições, bebem e petiscam. Seguindo-se o corredor que ladeia o grande balcão em “U”, se tem acesso ao segundo andar, onde os encontros ocorrem. Várias mesas compridas ocupam o salão no qual amplas janelas cobrem uma das paredes, proporcionando uma vista privilegiada para o movimento externo, ponto nefrálgico do mercado sexual da região. Na parede oposta uma inútil lareira faz companhia a um freezer desativado, ambos se prestam como cenários para as fotos que Wildcat faz das “*t-gatas*” que comparecem ao encontro. Ao fundo, mais uma fileira de janelas, enquanto na ponta oposta, à direita de quem adentra o salão, está o banheiro, palco para muitas piadas e constrangimentos, uma vez que não tem tranca e é utilizado por várias travestis que atuam nas imediações.

Algumas travestis são freqüentadoras assíduas do Dia T. Outras vão ali só para um rápido “olá”, aproveitando para tirarem fotos e passarem o número do celular, que juntamente com as fotografias será postado no Blog T. Outras sobem e descem as escadas do bar várias vezes, sondam o ambiente enquanto esperam a vez para usar o banheiro,

cumprimentam alguns dos presentes e se vão, para logo retornarem, seja para fazer uma refeição ou simplesmente conversar um pouco.

Os olhares dos *t-lovers* seguem as mais bonitas e menos vestidas. Por vezes, se entreolham como quem confabula, riem e buscam a aprovação entre si sobre as formas sedutoras de uma ou outra travesti. Não raro, alguns esquecem as t-gatas presentes e se reúnem para jogar truco, formam pequenas rodas onde a conversa pode versar sobre futebol, enlances amorosos, fofocas relativas ao grupo, assuntos íntimos ou política.

As brincadeiras também são comuns e, geralmente, giram em torno da masculinidade deles. Menções à passividade ou atividade no ato sexual, questionamentos sobre a virilidade e desempenho sexual são sempre temas que alimentam chacotas e ironias. Na minha frente, evitam mencionar detalhes de suas aventuras amorosas com as travestis, porém, quando estão em particular se sentem mais seguros para “desabafar”, como dizem alguns. Nesses momentos, o tom já não é o de façanha, mas de uma narrativa na qual buscam mais do que contar, e sim entender o que se passa com a sua própria sexualidade.

Beijos e clima de namoro não são incomuns nos encontros, mas segundo o código de conduta implícito do encontro de *t-lovers* paulistas, não se pode fazer sexo, nem causar constrangimentos às travestis com assédios insistentes ou atitudes invasivas como passar as mãos no corpo delas. Atitudes desse tipo já geraram expulsão de alguns membros. São motivos de banimento também o não acerto do consumo e fazer o famigerado 0800 com elas. Isto é, fazer sexo sem pagar, quando o que estava acordado (ainda que não muito claramente) era um programa.

Na minha segunda visita ao Dia T, pelo menos 50 pessoas, entre t-lovers, t-gatas e visitantes estiveram presentes. Dessa vez a minha ida seria menos “impactante”, pois desde o último encontro havia mantido conversação (teclar, nos termos da Internet) pelo MSN com vários *t-lovers*, não só os que conheci pessoalmente como também os mais próximos desses. Outros fatores que minimizaram a minha presença naquela ocasião foram (1) a presença de Damazo<sup>21</sup>, um dos pioneiros no mundo dos *t-lovers*, *webmaster* do mais freqüentado e, tido como, sério fórum de debates da Internet sobre o tema. Damazo soma a seu curriculum *de t-lover* a façanha de ter assumido em rede nacional, no programa de Luciana Gimenez, transmitido pela Rede TV, uma travesti, com a qual viveu maritalmente por algum tempo. A

---

<sup>21</sup> Damazo (nome fictício escolhido pelo próprio) é responsável pela sessão brasileira do site Shemaleyum, considerado o maior e mais especializado sobre travestis.

sua presença atraiu mais de 21 travestis e 50 membros, entre estes nove “debutantes”. Aquela noite também foi movimentada pela presença de uma mãe, levada ao encontro por um dos *t-lovers* mais novos. O que, a princípio, pareceu a todos como um grande ato de desprendimento de sua família, desencadeou uma crise entre ele e os pais. No dia 17 de novembro de 2004 ele postou no aj-sp o seguinte relato, o qual intitulou de “Manifesto de um *t-lover* abandonado”:

*(...) Não posso dizer que sou pioneiro, porque quando estive pela primeira vez no Elenice, as pessoas já se conheciam, um pequeno grupo já havia sido formado, o que nunca me intimidou. (...)*

*Lembro das dificuldades que me impediram de ir nas primeiras vezes. Agora, por outro lado, depois que conheci este outro lado da vida, nunca mais deixei de ir lá, quer dizer até agora. (...)*

*Outra coisa legal era ter que explicar para as T-Gatas que estavam ali por perto, o que era um T-Lover, porque ninguém sabia o que era isso, acho que o próprio T-Lover não sabia quem ele era. O Blog-T foi uma parte muito importante nisso. Mas, toda quinta-feira, temos pessoas novas indo ao encontro de T-Lovers de carteirinha, ou sem ela mesmo. Até novas T-Gatas estão indo, uma beleza isso, devo dizer que sinto algo como a satisfação de uma missão cumprida, mas é só o começo. Isso quer dizer que elas estão conversando entre si e comentando: "poxa, você tem que ir lá, os caras são legais, não é só sacanagem não!" A primeira barreira já caiu há muito tempo, as T-Gatas mesmo, já aceitam os T-Lovers. Isso pode até parecer meio contraditório, mas a relação, às vezes meio hostil, de cliente e prestadora de serviço, está mudando rápido. Elas já enxergam pessoas nos clientes e vice-versa, o que é, na minha opinião, um dos objetivos primários do grupo. Laços muito de fortes de amizade estão se formando ali, e isso me emociona muito, de verdade.*

*(...) As coisas que fiz e continuo fazendo são exatamente para poder seguir por este caminho. Ao querer uma sociedade mais tolerante e que me aceitasse melhor, me vi obrigado a confrontar o "problema" com minha família biológica, que me criou. (...) Contudo, não vivo numa ilusão, nem sob um céu cor-de-rosa, e sim sob o cinzento, sujo e deprimente céu do mundo contemporâneo, pós-moderno, sempre cruel e opressor. Este mundo que não aceita mudanças tão facilmente quanto gostaríamos.*

*(...) Meus pais enxergam minha sexualidade como uma confusão de adolescente, mera curiosidade, uma influência de um meio onde só vive e circula o pior da humanidade, ou ainda como uma simples escolha ingênua, impensada e sem orientação ou sentido. Eles parecem não querer separar a idéia de enxergar a beleza nos dois sexos e sentir-se atraídos pelos dois. No fundo, todo mundo é bissexual, mas pra eles existe um maniqueísmo neste campo da vivência humana, ou se é homo, ou hetero, pra eles não pode ser bi, ou T-Lover, que é mais confuso ainda, porque é algo como o meio do caminho, mas não é o bi também. Pensando bem, não é a coisa mais simples que existe, eu levei um bom tempo pra entender isso. (...)*

*Depois veio o tema de ativo e passivo pra agravar, onde a falta de um papel definido não deu firmeza ao meu ponto. Porra, convenhamos que isso não é absoluto também. Entre os gays, há os que fazem de tudo também. "Então você é gay!" Descobri então que o problema é o rótulo, existe a obrigação social de me dar uma definição para que eu possa me agrupar direitinho e ir para a minha respectiva fila no supermercado. Burocratizando a vida! Aos favos com isso!*

*É preciso um nome, para podermos criar uma identidade, mas isso não é fundamental, eu fui registrado com um nome relativamente longo de quatro nomes, minha família usa o primeiro e alguns usam o último quando querem falar comigo. Outros me deram outros nomes, minha namorada me chama por outro ainda e eu mesmo me dei outro nome, este pelo qual as pessoas do grupo vieram a me conhecer. **Nem por isso eu deixo de saber quem eu sou, onde estou e o que eu quero, que agora é muito claro pra mim. Mas isso nem sempre foi assim. Depois de muitas crises, eu tive a oportunidade de ter ótimas pessoas que passaram pela minha vida, me apontando maneiras de me conhecer melhor, só assim eu fiquei sabendo quem eu era de verdade.***

*(...) O Dia-T é lindo, maravilhoso. Mas não vemos o mesmo carinho pelos T-Lovers fora dali. Sofremos tanto preconceito quanto nossas amigas. E tenho me machucado muito com pessoas em que pensei que poderia confiar.*

*(...)Quando levei minha mãe no Elenice, foi uma das melhores coisas que eu fiz na minha vida. Foi a melhor noite de sono que tive em muitos anos, aliás, acho que foi a primeira, em tanto tempo. Ela parecia estar gostando até do lugar e das pessoas, ela foi bem receptiva, conversou com todos e foi simpática. Mas não foi o suficiente pra poder convencê-la da boa índole das pessoas, nem das intenções do grupo. **Hoje, consigo ver a luta que é mostrar quem somos para o mundo. Se para a minha mãe, não foi fácil convencê-la de que não somos um bando de degenerados, imagine como será fazer para o resto do mundo.** Além do mais, não estou vivendo uma vida dupla, estou apenas curtindo minhas preferências e meus bons amigos e amigas.*

*(...) Essa não é uma guerra que será ganha da noite para o dia. Temos bravos guerreiros, dispostos a arriscar muita coisa pelo que eles acreditam, outros que não estão nem aí pro assunto, e muitos outros que estão fora e vão entrar, lutando com cada molécula dos seus corpos.*

*(...) Cara, eu sou T-Lover, mas eu vou ter que brigar muito para andar com tranqüilidade e falar naturalmente sobre isso com todos, e o Dia-T está aí pra isso. Mas por enquanto, estou com a minha base fragilizada (...).*

*(grifos meus).*

Esse longo desabafo se apresenta como um articulado manifesto da identidade *t-lover*. O e-mail rendeu muitas respostas de apoio, acredito que não só pelo aspecto sentimental, como também por proporcionar elementos identitários que provocaram reflexões sobre o que é ser um *t-lover*.

## “Tudo é confuso na cabeça de um t-lover que se inicia” – algumas notas sobre formação de identidade

Um dos *t-lovers* pioneiros, Alex Jungle conta-me em entrevista via MSN<sup>22</sup> como os grupos de homens que fazem sexo com travestis foram se reconhecendo e se constituindo. Ele lembra que em 2001, navegando na Internet descobriu os bligs<sup>23</sup>, e que deles veio o *insight* para materializar na Internet um espaço voltado para uma antiga paixão: as travestis. Foi a partir dessa ferramenta que teve uma dimensão mais clara de que “não estava sozinho”, apenas isolado: “as pessoas estavam ilhadas”, cercadas por conflitos e questionamentos semelhantes aos que Jungle já havia enfrentado. Os questionamentos, segundo ele, giram em torno da própria orientação sexual, da busca pelo sexo comercial e de toda a aura de perigo que se estabeleceu em torno das sexualidades que escapam à “sexualidade boa, normal, natural, abençoada”, na classificação hierárquica proposta Galyn Rubin<sup>24</sup>.

Para Jungle ser um verdadeiro *t-lover* é “saber lidar com uma travesti como uma pessoa normal, como uma irmã ou uma amiga, que não tem aquela parede invisível separando”. Mais à frente, na mesma entrevista, Jungle reflete sobre sua definição inicial:

*Não sei se seria politicamente correto dizer que um cidadão que só deseja sexo com elas, e não assumiria um relacionamento por ex, dizer que ele não é um t-lover. Na minha concepção, t-lover é aquele que tem atração por travestis (...). Agora, um t-lover que assume, é um t-lover resolvido. (...). Na verdade eu concordo que aqueles que querem explorar as travestis, aqueles que no dia seguinte mudam de calçada ao vê-las, esses não são t-lovers. É isso que penso... que mesmo que uma pessoa não assuma uma relação e queira só sexo, se ele souber respeitar a travesti enquanto ser humano este é um t-lover. Bem ou mal é.*

Wildcat, uma das lideranças do grupo dos *t-lovers* paulista postou um e-mail em resposta a polêmicas nascidas na conformação dessa identidade. Ao responder a rixas e ataques que vinham acontecendo em outros fóruns da Internet sobre travestis, o *t-lover*,

---

<sup>22</sup> Todas as falas de Alex Jungle que aparecem nesse artigo foram extraídas da referida entrevista.

<sup>23</sup> Espécies de murais de notícias e misto de diário pessoal disponíveis na Internet, e que são composto e atualizados pelo usuário. Permitem que o acesso a outras pessoas que podem, por meio de links, deixar comentários, recados e observações.

<sup>24</sup> Rubin, em *Pensando sobre Sexo* (2003) defende que a ideologia sexual popular mescla a idéia de pecado à de inferioridade psicológica, anticomunismo (observe que o texto foi publicado pela primeira vez em 1984, antes do colapso socialista, portanto), histeria de massa, acusações de bruxaria e xenofobia. A mídia, segundo ela, corroboraria esse sistema de estigma e preconceito, favorecendo e fixando uma hierarquia de valor sexual, na qual a “ralé sexual” caberia a segregação e o infortúnio. No sistema de valores sexuais o sexo bom seria aquele feito entre um homem e uma mulher, preferencialmente casados, monogâmicos, que visam fins procriativos, e assim, fazem um sexo não comercial (Rubin. 2003: 26-27).

ainda que por uma série de negativas<sup>25</sup>, baliza o que é ser um verdadeiro integrante deste grupo:

*Para mim, T-Lover são os homens que respeitam as Travestis, as consideram como seres humanos e não como simples carne. (...) T-Lover não intimida Travesti a fazer 0800 com ele, sobre o pretexto de queimá-la na Net<sup>26</sup> ...(...)*

*T-lover não usa outra denominação para si e para seus companheiros, é simplesmente T-Lover, não integra grupos ou sub-grupos. T-Lover não ofende Travesti porque a mesma não agrada seu gosto estético, T-Lover se não tem algo bom a dizer de uma Travesti (desde que não seja LN<sup>27</sup>), fica calado.*

*T-lover pode até nunca ter visto uma travesti ao vivo na vida, mas as respeita pela coragem de assumir o que são e enfrentar todos os percalços decorrentes. T-lover não bate em Travesti, a não ser que seja em sua auto defesa... (...)*

Este verdadeiro “código de conduta” teve, segundo Wild, pouca repercussão entre o grupo, interessando mais, aos envolvidos com esse ambiente (o grupo aj-sp), a rivalidade com os oponentes do que as prescrições presentes no e-mail.

Meses depois desse e-mail, a mesma liderança postou no aj-sp e no Blog T um longo texto pedindo que se discutisse o que é ser um *t-lover*. Dessa vez a repercussão foi grande, mais de 150 respostas postadas no Blog T, além de dezenas de mensagens no fórum de e-mails, que durante dias esteve com esse assunto na lista de comunicações diárias. Ainda assim, não avançaram no sentido de uma definição. Muitas rugas afloraram nessa tentativa de identificação. Uma vez que, como reconhece o próprio Wild, a maioria das pessoas que acessa os meios de comunicação virtual do universo sexual que envolve travestis, nem sequer praticou sexo com elas, e mais, não pretende explorar essa prática para além dos limites da clandestinidade.

Assim, a Internet torna-se antes um meio de satisfazer seus desejos sem se expor, do que um canal aglutinador e formador de identidade. Pela Internet os homens que gostam de travestis podem desfrutar de um sentimento de “adequação” e “normalidade”, sem ter que questionar de maneira mais engajada a ordem heteronormativa. Norma esta que estabelece as fronteiras da normalidade a partir da instituição dos corpos abjetos, isto é, aqueles que são

---

<sup>25</sup> No seu livro sobre masculinidade, assim comenta Oliveira sobre questão da identidade: “para alguns, a primeira coisa, ao se buscar construir uma identidade, é, antes, definir o que não se é” (Oliveira. 2004: 132).

<sup>26</sup> Isso seria possível postando nos blogs e fóruns específicos comentários sobre a travesti, incluindo-a na chamada “lista negra”.

<sup>27</sup> Abreviação para “lista negra”.



alocados pelo discurso hegemônico nas “zonas invisíveis e inabitáveis” onde, segundo Judith Butler (2002), estão os seres que não são apropriadamente genereficados. Os que, vivendo fora do imperativo heterossexual, servem para balizar as fronteiras da normalidade, sendo fruto, portanto, desse discurso normatizador que institui a heterossexualidade como natural. A normalidade se circunscreve a partir da fixação desses territórios onde vivem os corpos que não importam, uma vez que o abjeto é também o não humano. Um espectro ameaçador para o sujeito, que o leva a rechaçar qualquer identificação com abjeção sexual (Butler. 2002: 20).

Wildcat, alerta em sua longa mensagem sobre a identidade *t-lover*, que o debate que pretende travar é filosófico e político, pois acredita que é só por esse prisma que conseguirão definir o que são e, assim, onde querem chegar.

Como ocorreu nos movimentos identitários das ditas minorias sexuais, nos anos 70, quando “a afirmação da identidade supunha demarcar suas fronteiras e implicava numa disputa quanto às formas de represent[ar]” essa identidade (Louro. 2001), os *t-lovers*, mesmo sem um claro compromisso político (e alguns sem qualquer intenção de engajamento neste sentido), trabalham as demarcações. Essa preocupação transparece até mesmo nas conversas mais descompromissadas, como a que reproduzo a seguir<sup>28</sup>:

**Wildcat - Bogart Sempre !!!!! diz:**

*Mas o importante é lembramos que aquele encontro [refere-se ao encontro carioca], infelizmente, não representa aquilo que queremos de um Dia T. (...) Mas o importante, e para aqueles que não sabem, o encontro do Rio não tem T-Gatas por uma simples razão...*

**Danil Niky diz:**

*preconceito*

**Wildcat - Bogart Sempre !!!!! diz:**

*Infelizmente a maioria dos que lá freqüentam, não respeitam nossas musas (...)*

**Jnr\_Atv diz:**

*EU SEI DISSO*

---

<sup>28</sup> Em um sábado à noite, encontro no espaço *on-line* do MSN vários *t-lovers* conversando em uma mesma janela de diálogo. Até a entrada de Wildcat a conversar fluía de maneira bastante caóticas, como numa mesa de bar, sem muito compromisso com uma pauta. A entrada do organizador do Dia T paulistano provocou uma mudança de tom. Wildcat procurava saber qual dos rapazes havia postado um comentário considerado por ele agressivo voltado ao grupo de *t-lovers* do Rio de Janeiro. Nessa conversa pode-se perceber, que de alguma maneira, os valores e posturas dos *t-lovers* paulistanos caminhavam para um ponto convergente, marcando essa identidade a partir do contraste com o grupo carioca.

**Wildcat - Bogart Sempre !!!!! diz:**

*não as tratam como mulheres e como pessoas dignas.*

**Danil Niky diz:**

*naum querem ver elas como gente e sim como sexo. (...)*

**Wildcat - Bogart Sempre !!!!! diz:**

*as tratam como carne no açougue e no açougue barato*

**Danil Niky diz:**

*elas naum são nada mais que objeto de sexo. Por isso acabou*

**Jnr\_Atv diz:**

*ISSO JA FOI MUITO COMENTADO*

**Wildcat - Bogart Sempre !!!!! diz:**

*é pior que 0800, é intimidação, chantagem, é quere forçar a barra com as meninas (...)*

**Wildcat - Bogart Sempre !!!!! diz:**

*ali tem tipos que querem ser donos da Rua, querem ser os piores cafetões do Rio, qualquer dia um deles amanhecerá com a boca cheia de formiga. E olha isso não tem bairrismo, adoro o Rio e adoro os cariocas.*

*Porém, isso precisa ser dito aqui sempre (...) Mas nosso sucesso, é fruto de nossa postura tb com as TGs (...)*

*Respeitamos e amamos o ser humano que elas são. Queremos sexo com elas, sim queremos e muito.*

**Rafael Hitman diz:**

*muito*

**Wildcat - Bogart Sempre !!!!! diz:**

*mas não perdemos o respeito e a consideração, e fazemos tudo para colocá-las em 1º lugar (...). Sem valorizar a Travesti como ser humano, sem colocar ela como nossa igual e protegê-la do preconceito ou das intenções meramente sexuais não vamos a lugar nenhum. Somos fortes hoje porque seguimos essa receita.*

A “receita” proposta por Wildcat tem ingredientes ainda confusos para muitos dos *t-lovers* que se dispuseram a me dar depoimentos. Alguns duvidam da própria idoneidade moral dos frequentadores do Elenice; outros não crêem que haja intenções realmente sérias por parte das lideranças. “Cada vez mais acho que esse negócio de Dia T é uma maneira disfarçada de se fazer 0800”, comentou um. “Dizer que vai fazer uma ONG e coisa e tal... Quer apostar comigo que isso nunca vai passar de conversa de bar”, observou outro. Ambos não querem fazer do Dia T uma ante-sala para um movimento social ou identitário, mas apenas um ambiente de lazer, no qual possam se sentir integrados dentro do espaço simbólico e estruturador da masculinidade hegemônica.

Mesmo os mais céticos quanto aos rumos do Dia T, manifestam um sentimento de acolhimento, do se sentir em casa quando se referem aos encontros *off-line*. Um deles, certa vez comentou comigo lá mesmo no Elenice: “quando a gente sobe essas escadas é todo

*mundo igual. Não tem rico nem pobre, melhor ou pior”.*

Esse sentimento de igualdade e familiaridade também permeou movimentos como o dos gays e lésbicas, nos seus primórdios. Mas, para viver esse processo de integração, tanto hoje como antes, é preciso se “assumir”. Porém, o que significa se “assumir” como um *t-lover*?

Subir as escadas que levam ao piso superior do Elenice e se juntar àquele grupo não é tarefa fácil. Muitos passam meses observando a dinâmica do aj-sp, acompanhando os e-mails sem nunca se manifestar; outros, freqüentadores de diversos espaços *on-line* sobre travestis, interrogam sobre o que precisam fazer para freqüentar os encontros; uns inseguros, outros mais ousados, todos receosos de saírem de trás dos *nicks* e se apresentarem em carne e osso aos *t-lovers* veteranos.

Ao final de 2004, segundo os apontamentos de Wildcat, 110 *t-lovers* tinham passado pelo Elenice, nos oito meses do encontro. Além de 70 *t-gatas* e 20 convidados (entre os quais estou incluída). No fórum de e-mails, ele contabilizou 1.400 inscritos, além dos 15 mil acessos diários registrados no Blog T. Se entre aqueles que chegam ao Elenice as perspectivas já são distintas, pode-se supor que entre os freqüentadores virtuais dos diversos ambientes *on-line*, esse leque se amplie, dificultando que se construa uma identidade mais nítida.

Ao contrário do que algumas discussões sobre identidade apregoam, ser *t-lover* não exige assumir um estilo de vida específico, ainda que, como vimos, não dispense alguns códigos de conduta.

Como discute Pedro Paulo de Oliveira, a

identidade (...) é um empreendimento paradoxal. Através dela o agente se integra a algum grupo e afirma sua personalidade por signos, comportamentos, condutas que poderiam ser ditos impessoais, pois são sustentados por práticas coletivas que o agente toma como definidora de sua identidade. (...)

As práticas, condutas, signos e idéias, entre outros, que costumam definir as identidades, somente serão de fato identitários se forem compartilhados, e nessa condição prometerão abrigo, constituirão uma comunidade, uma fraternidade ideológica de destino ou missão (Oliveira. 2004: 245-246).

Quando o fator de aglutinação e gerador do sentimento de pertença está calcado na clandestinidade como definir o que se é, sem que essa definição se torne publicamente

perceptível e reconhecível? Como construir, então, essa “fraternidade ideológica”? Não existe o *t-lover*, como identidade monolítica, sem fissuras. Os próprios membros do grupo questionam até mesmo se existe o *t-lover*, e se existe, o que é? Há muito mais um sentimento de afinidade, no que se refere à prática sexual desprestigiosa a qual eles tentam reverter atribuindo um valor positivo, do que um contorno identitário claro.

O que parece evidente, até o momento, é que os *t-lovers* não pretendem fundamentar o que são pelo fato de serem “*t-lovers*”, mas procuram na sua integração a um grupo aplacar angústias comuns. Ser um *t-lover* está muito longe de abarcar tudo o que aquele homem é ou pretende ser, ainda que em muitos momentos de sua vida, essa definição seja a que mais pesará sobre si. Como no caso de homens e mulheres homossexuais, que são, quase sempre, identificados primordialmente pela sua orientação sexual, e não pela profissão que exercem ou pelo fato de serem filiados a um partido político etc, ser gay, lésbica, travesti ou *t-lover* pode ser em muitos momentos apontado como uma síntese do que alguém é. Como discutem Foucault e Sennett,

o problema é por que a sexualidade se tornou tão importante para as pessoas como uma definição delas mesmas. Sexo é básico como comer ou dormir, isso é certo, mas, é tratado na sociedade moderna como algo mais. É o meio através do qual as pessoas procuram definir suas: personalidades, seus gostos. Acima de tudo, sexualidade é o meio pelo qual as pessoas buscam ser conscientes de si próprias (Foucault e Sennett 1981).

A união em torno de um grupo que tem como pólo aglutinador a atração sexual por travestis serve de recurso de reforço da masculinidade desses homens, que, na clandestinidade e, na maioria esmagadora dos casos, na solidão de seus conflitos, temem perder o bem simbólico mais caro a um homem que se percebe como heterossexual: a masculinidade hegemônica.

### **“Eu gosto de mulher, não importa o sexo” – gênero e masculinidade no universo t-lover**

A frase que abre essa seção, cunhada por Louiz Damazo e reverberada por vários *t-lovers*, me dá os elementos necessários para iniciar a discussão de gênero que pretendo.

Vejam: gênero e sexo aparecem desvinculados na concepção de Damazo. Ser mulher não está necessariamente vinculado ao sexo, como atributo anatômico, mas a um conjunto de práticas que fazem que aquela pessoa seja percebida como feminina<sup>29</sup>, a partir de todo um discurso cultural e historicamente construído que fixa essas características.

Ainda que o referido *t-lover* não problematize esses atributos e, muito menos tenha cunhado a frase a fim de lançar questionamentos profundos à ordem social estabelecida, ele fornece o mote necessário para se enveredar por essa discussão, a começar pelo questionamento do que é o sexo. Existirá um sexo biológico independente dos significados culturais a ele atribuído? Um sexo pré-discursivo? Para Butler, não. Segundo ela, o gênero não decorre do sexo, este como elemento meramente biológico. O sexo também é interpretado, categorizado, ganhando assim sua carga cultural.

A corporificação de um gênero exercida pelas travestis acaba por estabelecer “gêneros ‘inteligíveis’” (Butler). “Gêneros ‘inteligíveis’ são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidades entre sexo, gênero, prática sexual e desejo” (Butler. 2003: 38). As travestis, mesmo sem o querer, escapariam à matriz de normas de gênero coerentes, isto é, ligadas a uma heterossexualidade compulsória. Como discute Butler, noutro contexto, “a matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de ‘identidade’ não possam ‘existir’” (Idem. Ibidem: 39). No caso das travestis o sexo masculino, anunciado primordialmente pelo pênis, não se coadunaria com o gênero, definido pelo desejo por um outro homem. Assim, para que o gênero seja “inteligível” é necessário atuar sobre o corpo, desconstruindo o masculino, e reconstruindo esse corpo a partir de símbolos do feminino.

Segundo Butler,

o gênero só pode denotar uma unidade de experiência, de sexo, gênero e desejo, quando se entende que o sexo, em algum sentido, exige um gênero – sendo gênero uma designação psíquica e/ou cultural do eu – e um desejo – sendo o desejo heterossexual e, portanto, diferenciado mediante uma relação de oposição ao outro gênero que ele deseja (Butler. 2003: 45).

---

<sup>29</sup> Supondo-se que o “feminino” seja um monopólio legítimo das pessoas biologicamente reconhecidas como mulheres. Assim como o “masculino” o seria dos homens. Esse é um aspecto que pede toda uma discussão que

As travestis denunciam (mesmo que sem uma intencionalidade) que o gênero é sempre construção e aprendizado. Ainda que desestabilizem o binarismo de sexo/gênero, as travestis, paradoxalmente, o reforçam em seus discursos e ações. Porém, é somente pelo paradoxo que elas podem expressar seu conflito com as normas de gênero vigentes. O paradoxo é a condição de sua ação (ou agência). No sistema de gênero construído pelas travestis chama atenção a visão essencialista que elas parecem ter sobre os atributos de gênero. Como observou Kulick (1998), as travestis desenvolvem um “construtivismo essencialista”. Subvertem a própria idéia que comungam de ser o sexo biológico o definidor do gênero. Por outro lado, reforçam o binarismo a partir de um conjunto de preceitos morais que determinam e demarcam o que é ser homem e mulher, respectivamente: ser ativo/passivo; ter força/suavidade; guiar-se pela cabeça/coração. A partir dessa visão, esperam que os “homens de verdade” sejam másculos, ativos, empreendedores, penetradores. Elas não são “homens de verdade”, são “bichas”, “viados”, *monas*. Tampouco são mulheres, nem o desejam. São “outra coisa”, uma “coisa” difícil de explicar, porque tendo nascidos “homens”, desejam se parecer com mulheres, sem de fato ser uma, isto é: ter um útero e reproduzir<sup>30</sup>.

Ser Jennifer, Fabyanna ou Verônica tendo sido criadas como Erasmo, Anderson ou Clóvis não é, absolutamente, no caso das travestis, construir para si uma personagem, isto é, representar um papel como figura ficcional, mas agir dentro de uma performatividade que não tem relação com atos teatrais que sugerem representações de papéis, senão com discurso que constroem sujeitos dentro de relações de poder. A performatividade travesti, portanto, não pode ser confundida com uma encenação de gênero, mas sim como reiteração e materialização de discursos patologizantes e criminalizantes que fazem com que o senso comum as veja como uma forma extremada de homossexualidade, como pessoas perturbadas. A partir dessa ótica, seu gênero “desordenado” só pode implicar em uma sexualidade perigosamente marginal.

A ambigüidade desestabilizadora que marca as travestis transfere-se para os *t-lovers*. Afinal, não se pode entendê-los sem que os remetamos a elas. Pesa, assim, sobre eles a dúvida (colocada pelas próprias travestis): seriam homens “de verdade”?

---

não terei oportunidade de fazer neste trabalho.

Richard Parker acredita que na definição do que é ser homem, na cultura popular brasileira, não se dá exclusivamente em sua relação/oposição como ser mulher, mas em relação com outras figuras tais como o machão, o corno, a bicha ou viado (Parker. 1991: 74). Assim, o homem que vive com uma travesti, teria de guardar larga distância dessas outras figuras do masculino, mas que não seriam “assim tão homens”. Acredito que para exercerem completamente o que entendem por feminilidade, as travestis precisariam desse marcado contraste entre elas mesmas e aquele homem que se dispõe a compartilhar uma casa com elas. Na rua, bem, na rua, com os clientes, as relações se dão em outras bases. Os clientes são classificados na “categoria nativa” das travestis como “mariconas”, raros são aqueles reconhecidos como “bofes”<sup>31</sup>.

“Com a gente eles não querem nada do convencional”, me explica Letícia, travesti frequentadora do Dia T, ao se referir aos clientes<sup>32</sup>. O “não convencional” a que se refere a é que desestabiliza o “homem de verdade” que os *t-lovers* pretendem ser. Isso porque as práticas sexuais com as t-gatas envolvem desde a felação (eles nelas) até o sexo anal (elas como “ativas”), passando por um vasto menu que não me interessa nessa discussão<sup>33</sup>. Na visão das travestis, bem como do discurso hegemônico sobre sexualidade, esses homens não seriam menos homens apenas por procurarem sexo com travestis, mas, sobretudo, por buscarem um determinado tipo de sexo.

Butler, numa releitura de Mary Douglas argumenta que “o sexo anal e oral entre homens estabelece claramente certos tipos de permeabilidade corporal não sancionado pela ordem hegemônica” (Butler. 2003: 190)<sup>34</sup>. E essa permeabilidade desestrutura a pretensa ordem social que demarca com suas regras e tabus o que deve ser esse corpo (físico e social). *T-lovers* e t-gatas não estão imunes a esse discurso, daí o temor dos homens de serem

---

<sup>30</sup> É assim que Junot, travesti veterana, explica o que é ser mulher: “não é ter uma vagina, não! É ter útero, é dar a vida. Tem uns viados doidos aí que dizem que são como mulheres. Eu pergunto logo: ‘ah é?! Pariu quantos?!’. Pariu no máximo um furúnculo. Que mulher o quê?”.

<sup>31</sup> Tanto na linguagem do universo gay, quanto das travestis os termos acima significam respectivamente: homem afeminado e/ou passivo; homem másculo e/ou ativo.

<sup>32</sup> Observo aqui, que os *t-lovers* são em sua maioria clientes, ainda que existam entre eles aqueles que assumem relações amorosas não-comerciais com elas.

<sup>33</sup> A maioria dos *t-lovers* que me deu declarações insiste na sua posição como “ativos”, mas muitos deles declararam gostar de fazer sexo oral nelas. A grande atração sexual declarada por muitos é fazer o sexo anal como “penetradores”. Porém, os relatos delas desmentem essa prática como a mais requisitada pelos clientes, afirmando que a grande maioria quer ser penetrada. Além disso, um dos tópicos que mereceu um grande número de respostas no aj-sp referia-se justamente o interesse que muitos demonstravam quando o assunto era uma travesti bem dotada, isto é, com pênis avantajado.

<sup>34</sup> Apesar de apresentar essa idéia em contexto distinto da que utilizo aqui, porque se refere especificamente à homossexualidade masculina e aids, acredito que essa reflexão me ajude na discussão que me proponho.

chamados por elas de “mariconas”, e o delas, de não serem suficientemente femininas para despertar o desejo deles. Nesse jogo, os *t-lovers* parecem ter mais a temer ou perder, pois o que está em xeque para eles é a masculinidade. Justamente o valor do qual elas, pagando um alto preço, abdicaram.

Para Welzer-Lang,

Nós estamos claramente em presença de um modelo político de gestão de corpos e desejos. E os homens que querem viver sexualidades não-heterocentradas são estigmatizados como não sendo homens normais, acusados de serem "passivos", e ameaçados de serem associados a mulheres e tratados como elas. Pois se trata bem disto, ser homem corresponde ao fato de ser ativo.

No *continuum* que vai do machão ao viado, os *t-lovers* correrem sempre o risco de se distanciarem “perigosamente” do pólo de maior masculinidade, perdendo assim, parte importante do capital simbólico que angariam como homens, heterossexuais e de classe média. Passando mesmo a serem tão “perigosos”, “poluidores” e tão “suspeitos” quanto elas.

A maioria esmagadora dos *t-lovers* se entende como heterossexual, se esforçando para demonstrar o não pertencimento ao meio gay. No espaço de seus encontros buscam evidenciar os ideais do “ser homem”<sup>35</sup>, reforçando as fronteiras entre eles e os homens homossexuais, a partir de chacotas, brincadeiras e todo um conjunto de temas de conversação e de atitudes corporais sancionadas como próprias da masculinidade hegemônica. Segundo Vale de Almeida a masculinidade hegemônica se define como um

modelo cultural ideal que, não sendo atingível por praticamente nenhum homem, exerce sobre todos os homens um efeito controlador, através da incorporação, da ritualização das práticas da sociabilidade quotidianas de uma discursividade que exclui todo um campo emotivo considerado feminino; e que a masculinidade não é simétrica de feminilidade, na medida em que as duas se relacionam de forma assimétrica, por vezes hierárquica e desigual. A masculinidade é um processo construído, frágil, vigiado, como forma de ascendência social que pretende ser. (...) Segue-se que as masculinidades são

---

<sup>35</sup> “Que significa ‘ser homem’ do ponto de vista social? A pergunta é tão complexa quanto aparentemente ingênua. Para a larguíssima maioria das pessoas, para o nível a que nas Ciências Sociais chamamos de senso comum, ser homem é fundamentalmente duas coisas: não ser mulher, e ter m corpo que apresenta órgãos genitais masculinos. A complexidade encontra-se precisamente na ingenuidade – agora sim -, de remeter para caracteres físicos do corpo uma questão de identidade pessoal e social. Isto porque ‘ser homem’, no dia a dia, na interação social, nas construções ideológicas, nunca se reduz aos caracteres sexuais, mas sim a um conjunto de atributos morais de comportamento. Socialmente sancionados e contentemente reavaliados, negociados, lembrados. Em suma, em constante processo de construção”. (Vale de Almeida. 2000: 177-128).



construídas não só pelas relações de poder mas também pela interrelação com a divisão do trabalho e com os padrões de ligação emocional. Por isso, na empiria, se verifica que a forma culturalmente exaltada de masculinidade só corresponde às características de um pequeno número de homens. (Vale de Almeida. 2000:17 e 150).

Ao reforçarem traços da masculinidade hegemônica, os *t-lovers* acionam dois elementos básicos construção social de masculinidades: a “desvalorização de outras formas de masculinidade, posicionando o hegemônico em relação ao subalterno” (Kimmel. 1998: 113), reforçando o (hetero)sexismo e a homofobia<sup>36</sup>. Informados por essas categorias e formados pelos valores da masculinidade (enquanto bem simbólico) e da heterossexualidade (enquanto prática sexual ativa com mulheres e estilo de vida que evidencie essa prática), os *t-lovers* passam por momentos conflituosos. Como narra Alex Jungle:

*É natural até que todos tenham o primeiro questionamento machista do tipo: sou um viado? Saio com travestis, será possível que sou gay? Isso passa na cabeça de todos em algum momento, mas é o primeiro sintoma de que você está fígado. Não acredito em ex-tlover, é algo mais forte que você.*

Ou como revela Paulinho Casé, *t-lover* e *webmaster* do blog Sampatrans: “Se nasce *t-lover*, não se faz”. Assim como muitas travestis que afirmam não ser possível escapar do destino de ser travesti, Jungle e Casé também essencializam a sua prática e o seu desejo.

Partindo de várias histórias de vida a mim relatadas, bem como da literatura sobre o tema (Silva. 1993. Oliveira. 1994. Silva e Florentino. 1996, Oliveira, Marcelo. 1997, Denizart. 1997, Kulick. 1998, Jayme. 2001) o que concluo é que ser travestis é algo que as acompanha desde de muito pequenas, que se impõe como um imperativo natural, inescapável, portanto. A naturalização das práticas sexuais e dos desejos impede que estes sejam vistos como oposição a regras sociais e os mantêm atados à matriz heteronormatizadora. O que os leva a reproduzir um discurso homofóbico.

---

<sup>36</sup> Welzer-Lang toma de empréstimo a definição norte-americana para o primeiro termo, entendendo-o como: “a discriminação e a opressão baseadas em uma distinção feita a propósito da orientação sexual. O heterossexismo é a promoção incessante, pelas instituições e/ou indivíduos, da superioridade da heterossexualidade e da subordinação simulada da homossexualidade”. A visão heterossexista estabelece “como dado que todo mundo é heterossexual, salvo opinião em contrário”. E propõe que se defina a homofobia “como a discriminação contra as pessoas que mostram, ou a quem se atribui, algumas qualidades (ou defeitos) atribuídos ao outro gênero. A homofobia engessa as fronteiras do gênero” (2001).

O medo da homossexualidade está relacionado com estereótipos acerca do homem homossexual e da sua relação com o feminino, com um preconceito religioso de que a homossexualidade está moralmente errada, com as teorias científicas que identificam a homossexualidade como uma doença ou desvio, e com a crença de que a homossexualidade põe em risco a sobrevivência da sociedade. Mas homofobia também pode ser entendida como um sinal da fraca heterossexualidade - uma estratégia para evitar o reconhecimento de uma parte inaceitável de si próprio (Fonseca. <http://www.europrofem.org/02.info/22contri/2.10.pt/fonseca/Ana%203.html>)

Um dos *t-lovers*, que preferiu não se identificar, me deu o seguinte depoimento:

*Dá uma puta duvida no começo. É difícil entender. Conhecer o pessoal do Elenice me fez um bem danado.*

**Pesquisadora:** Por quê?

*Porque vi que eram pessoas normais. Não eram gay.*

Outro deles, um rapaz de 22 anos, mas com uma prática de convivência com travestis iniciada aos 15, me diz que não teve “dramas” em relação à própria sexualidade, mas justifica com o seguinte argumento a sua aproximação do grupo do Elenice:

*Freqüentando a rede vi no blog do Alex sobre esse encontro. Fiquei curioso e comparei pra ver como seria os outros homens que gostam de travesti como eu, pra ter uma comparação (...)*

**Pesquisadora:** o que exatamente você queria comparar? (...)

*Ver como eram os outros, se eram homens como eu (...). Bem eu fiquei surpreso, encontrei pessoas super normais.*

A “normalidade” é estar distante da homossexualidade, sobretudo dos seus estereótipos. Ser “normal” é ser heterossexual<sup>37</sup>. Ser gay é, assim, antes uma categoria que uma identidade. Categoria que atribui um valor negativo ao sujeito assim taxado, uma vez que

---

<sup>37</sup> “Do mesmo modo que a homossexualidade foi definida como uma condição sexual peculiar a algumas pessoas, também o conceito de heterossexualidade foi inventado para descrever a normalidade (Weeks. 1987:35). Um dos principais papéis dos sexólogos [sobretudo nos primórdios desse ramo da psicologia, na segunda metade do século XIX] foi o de traduzir em termos teóricos aquilo que entendia como problemas sociais emergentes e concretos: como lidar com a infância? Como definir a sexualidade feminina? Como lidar com a mudança de relações entre os gêneros? Como perseguir legalmente a anormalidade? Mas a sexologia só foi possível graças aos triunfos da medicina como exploração meticulosa do corpo; tal como a medicina não se limitava a descrever, também a sexologia vai prescrever” (Vale de Almeida: 2000: 88-89).

o feminiliza. Por sua vez, essa feminilização vem vinculada a uma série de performances corporais, mas, sobretudo à idéia de passividade. Nas palavras de Vale de Almeida:

Entre homens, a masculinidade assenta fortemente nos aspectos especificamente sexuais. E divisões internas entre os homens, estabelecem analogamente às divisões entre homens e mulheres. A masculinidade é frágil, em termos sexuais nada se pode mostrar de concreto (de visível, de mais observável que o discurso verbal), pelo que tanto o medo como a forma de agressão mais comum se fazem na linguagem da homossexualidade, enquanto categoria passiva, simbolizada na imagem da penetração anal, feminilizando assim o homem. Este recurso retórico é usado em todas as relações competitivas e conflituosas entre homens, seja no trabalho, nos negócios ou no jogo. Por sua vez, a homofobia situa e exorciza o perigo homossexual da homosociabilidade. Nunca é demais referir que uma das características centrais da masculinidade hegemônica, para além da ‘inferioridade’ das mulheres é a homofobia (Vale de Almeida. 2000: 68-69).

Tanto *t-lovers* quanto travestis consideram o “ser gay” ou “viado” como elemento depreciativo que opera no sentido de deslocá-los dos pólos de gênero ao qual se julgam pertencentes. Ainda que na maioria das manifestações depreciativas o “gay” e o “viado” apareçam como chacota ou brincadeira, é justamente nas manifestações menos conscientes que o valor depreciativo se evidencia<sup>38</sup>.

---

<sup>38</sup> Duas histórias me ajudam a ilustrar essa idéia. A primeira envolve um *t-lover* e uma prestigiada travesti que começaram um relacionamento. Perguntei a ele se estavam namorando, o *t-lover* não estava certo disso, pois tudo havia começado, segundo ele, de maneira intempestiva. O *t-lover* me contou que a aproximação entre eles se deu numa boate e que a famosa travesti praticamente se “jogou” sobre ele. Num segundo encontro, já na casa dela, ela teria o atendido só de toalha. “Pombas... ainda que segurei bastante... até a hora que ela começou a achar que eu era viado... aí tive que mostrar que não... pô mal cheguei e ela já ficou quase nua esfregando seus peitos em mim e toda hora pedindo para eu tirar a roupa e puxando minha blusa. Que conversa eu poderia ter...?????”. Para provar a ela (e aos outros também) que não era “viado”, o *t-lover* teve relações sexuais com a travesti. Como relatou no fórum de e-mails aj-sp, foi ativo, isto é, homem, “fodedor”, o “que come”. Como frisa Michel Polack, citado por Welzer-Lang, “em algumas culturas, só é considerado um ‘verdadeiro veado’ aquele que se deixa penetrar e não aquele que ‘penetra’”. O outro episódio envolve uma travesti de São Carlos que namora uma outra travesti também da cidade (é uma “lésbicha”, como elas falam). Na noite da Natal fazíamos uma festa na casa da namorada da referida travesti. A uma certa altura, enraivecida de ciúmes, ela disse a algumas pessoas presentes que acabaria com aquela festa. Do alto do seu salto 15, metida em um short jeans muito curto, ela balançava seus longos cabelos numa atitude ameaçadora, repetindo incessantemente “Eu entro lá e acabo com tudo! Porque eu não sou gayzinho não!”.

**“Eu sou macho até debaixo de outro macho”<sup>39</sup>**

Em seu estudo sobre a masculinidade, Pedro Paulo de Oliveira identifica a conformação dessa categoria enquanto valor moderno, fortemente marcado pela consolidação da burguesia como classe dominante. A conformação da vida de acordo com os princípios dessa classe teria chegado ao seu auge no final do século XIX, consolidando em leis e no discurso da medicina valores próprios da visão burguesa. Desta forma, segundo este autor,

a letra da lei forneceu o combustível para que a máquina e o fluxo operativo de vigilância do comportamento masculino ideal funcionassem (...). Cinco características norteiam a constituição de leis referentes aos aspectos da vida sexual dos agentes no final do século XIX: sexo é algo natural; o natural é sempre o comportamento heterossexual; o sexo genital é primário e determinante; o verdadeiro sexo é falocêntrico; por fim, sexo é algo que deve ocorrer de preferência no casamento (Oliveira. 2004: 69).

Violando essas determinações, os *t-lovers* correm o risco de não serem vistos como pertencentes ao espaço masculino.

Oliveira trata o conceito de masculinidade como um lugar simbólico de sentido estruturante, que imbricado com outros determinantes sociais e históricos conforma o homem moderno. Somo a essa definição o conceito de Vale de Almeida de masculinidade hegemônica. Esse lugar simbólico estruturante, ao qual se refere Oliveira, é o *locus* de um tipo e só um tipo de masculinidade (daí minha intenção de ampliar esse definição). É essa exclusividade, esse cerceamento e controle que torna difícil que se siga à risca suas determinações, como aponta Vale de Almeida.

Não se trata de retomar aqui a visão vitimaria da masculinidade<sup>40</sup>, mas sim de evidenciar os efeitos controladores e opressivos da masculinidade hegemônica, conforme defende Vale de Almeida. Este autor registra que “há uma variedade particular de masculinidades que subordina outras variedades” (Vale de Almeida. 2000: 149-150). Porém, recorrendo a Bourdieu, considera que mesmo os homens subordinados e dominados pela

---

<sup>39</sup> Frase que faz parte do repertório de brincadeiras envolvendo as práticas e orientação sexual dos *t-lovers*.

<sup>40</sup> Essa visão é tributária das discussões, sobretudo da psicologia (mas não só desta área) levadas nas décadas de 1960 e 70. O argumento central recai sobre o fardo de se ser homem em uma sociedade que exige o embotamento das manifestações de sentimentos, que os leva a agirem de forma racional/instrumental e que, ainda, os coloca frente a uma estrutura de trabalho exploratória e alienante, típica do sistema capitalista. Assim, o verdadeiro “sexo frágil”, seria o masculino e não o feminino (Oliveira. 2004: 171-182).

masculinidade hegemônica, o são pela sua própria dominação, o que faz uma grande diferença em relação à dominação que se opera sobre as mulheres.

Assim, não se pode negar que a masculinidade, sobretudo a hegemônica, é um lugar simbólico confortável, do qual os homens dificilmente querem se afastar, e muito menos serem expulsos. E mais, que

A masculinidade enquanto símbolo hegemonicamente valorizado provê satisfação existencial àqueles que crêem dela participar, através de condutas e práticas identificadas socialmente como masculinas, mesmo que para isso tenham que suportar duras provas e perigosas experiências, que constituem aquilo que chamo de *vivências interacionais da masculinidade* (Oliveira, 2004: 248).

Nos encontros *off-line*, estes homens experimentam vivências desafiadoras, mas que na prática reforçam a percepção que têm do que é ser um “verdadeiro homem”. Aliás, proponho ser este o principal motivo dos encontros. Estariam assim construindo um espaço de homossociabilidade, uma verdadeira “casa-dos-homens”, onde se aprende a “ser homem”<sup>41</sup>. Welzer-Lang define a casa-dos-homens como “um lugar onde a homossociabilidade pode ser vivida e experimentada em grupos de pares”. Segue ele:

A solidariedade masculina intervém para evitar a dor de ser uma vítima; essa casa-dos-homens é o lugar de transmissão de valores positivos (...) Mesmo adulto, casado, o homem, ao mesmo tempo que "assume" o lugar de provedor, de pai que dirige a família, de marido que sabe o que é bom e correto para a mulher e as crianças, continua a freqüentar peças da casa-dos-homens: os cafés, os clubes, até mesmo as vezes a prisão, onde é necessário sempre se distinguir dos fracos, das femeazinhas, dos "veados", ou seja, daqueles que podem ser considerados como não-homens (Welzer-Lang, 2001).

Uma crônica atribuída a Luís Fernando Veríssimo postada no grupo de e-mails aj-sp indica que aqueles que se relacionam com travestis nada têm de “fracos” ou de “femeazinhas”. Resumidamente a crônica fala da relação aberta de um casal heterossexual, que muda de rumo quando a mulher sabe que a amante atual do marido é uma travesti. A mulher que nunca havia criado problemas para as relações extraconjugais do esposo, assim como ele não criava para as dela, fica extremamente ofendida, e é surpreendida no café da

---

<sup>41</sup> Recorro aqui ao conceito/metáfora cunhado por Welzer-Lang (2001), cunhado a partir da leitura do estudo de Godelier sobre os Baruyas.

manhã pela declaração do homem que anuncia que está se mudando para a casa de Dafne, a travesti em questão. Então, a mulher indignada o questiona:

- Qual é a explicação? Hein? Me explica!
  - É que...
  - Eu não quero ouvir.
- Mas ele insistiu. Contou, então, que Dafne...
- O quê?
  - Dafne. É uma pessoa muito terna, muito simples, que faz tudo por mim. Montei um apartamento para ela. Ela passa o dia no apartamento, só pensando em coisas para me fazer feliz. Adora o trabalho doméstico. Cozinha que é uma beleza. Adora roupa de baixo bem rendada e perfume. Nunca discute comigo. É boba, frívola, vaidosa, e eu a amo...
  - Mas, mas... por que você foi procurar um homem?
  - Você não entende? Eu não fui procurar um homem. Fui procurar uma mulher. E finalmente encontrei.

Não era homossexual. Era saudosista.

A crônica mereceu muitos comentários. Todos expressavam com humor a identificação e o apoio ao protagonista da estória. Os *t-lovers* podiam ficar “tranqüilos”, pois ao contrário do que se poderia pensar, não são menos masculinos, mas, indubitavelmente “machos” saudosos dos tempos em que as mulheres sabiam o seu lugar e não buscavam em relações simétricas de gênero desestabilizar o poder masculino.

Como discutem alguns *t-lovers* em uma conversa informal:

*[Wildcat] O que vai na alma do t-lover, independente da postura sexual é poder! Dominar uma mulher que é tão forte quanto ele! Forte fisicamente! Forte porque tem um homem lá dentro, entendeu?*

*[Fogo] Personalidade!*

*[Wildcat] Personalidade! E ao mesmo tempo, diferente da mulher moderna, como nós estávamos falando, se submete mais. Seja porque socialmente está colocada como garota de programa, seja porque, quando nós a conhecemos melhor nós descobrimos que elas só gostam de competir entre elas. Quer dizer, não querem competição com a gente. Então essas coisas todas se reforçam. Então, eu vejo que hoje, importante para o t-lover é o poder. Não é o pau, não é gozar, não é porra nenhuma. É ter esse mulherão na minha mão que eu cato e é minha!! Ahá, vem cá!! Seja pra me comer, seja pra eu comer ela, seja pra gente comer os dois, isso foda-se!!*

O potencial transformador do grupo encontra, assim, seus limites. A assimetria entre ser macho e fêmea é reforçada por esses homens que enfrentam, numa dimensão macro, a crise da masculinidade como valor moderno; e de maneira localizada, buscam instrumentos

para lidarem com as amarras impostas pelo padrão hegemônico de masculinidade, uma vez que, sabem que nas suas relações com travestis estão de fato se relacionado com um homem, como expressou Wildcat. Essa contradição os leva a reforçar de maneira acentuada os elementos que norteiam os padrões masculinos referendados como corretos e verdadeiros.

Para serem *t-lovers* sem se associarem aos homossexuais (não apenas no sentido patologizado do termo) reforçam as fronteiras traçadas pela heteronormatividade, mantendo-se em guetos e no anonimato da Internet. Deste modo não acionam práticas capazes de se “desidentificar com aquelas normas reguladoras mediante as quais se materializa a diferença sexual”. Como escreve Butler: “tais desidentificações coletivas podem facilitar uma reconceitualização de quais são os corpos que importam e que corpos haverão de surgir daí como matéria crítica de interesse” (2001: 21).

Ao não romperem com os imperativos da masculinidade hegemônica e, ao contrário, agirem no sentido de reforçar esse tipo de masculinidade, esvaziam a possibilidade de reconceitualização dos referencias de gênero, de práticas sexuais e, mesmo, de como encaram as travestis. Seu assentimento às amarras heteronormativas os lança na categoria dos invisíveis. Como homens que gostam de travestis estão obrigados a andar na margem e na sombra, sob o risco de terem sua masculinidade colocada em xeque quando expostos à luz. Ser um *t-lover* ainda é ser clandestino. Limitados pelos seus próprios temores, que friso, não são infundados, os *t-lovers* abortam seu potencial de subversão.

## Bibliografia

- BONELLI, Maria da Glória. 1989. *A Classe Media do Milagre à Recessão*. São Paulo: IDESP.
- BUTLER, Judith. 2002. *Cuerpos que Importan*. Barcelona: Paidós.
- BUTLER, Judith. 2003. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- DENIZART, Hugo. 1997. *Engenharia Erótica – Travestis no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- FOUCAULT, Michel. 2004. “Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e política de identidade”. In VERVE. *Revista do NU-SOL – Núcleo de Sociabilidade Libertária*. São Paulo: Pós-graduação em Ciências Sociais. PUC-SP.

FOUCAULT, Michel e SENNETT, Richard. 1981. "Sexuality and solitude", in London Review of Books, 21 May - 3 June, pp. 04-07

KIMMEL, Michael. S. 1999. "A Produção de Masculinidades Hegemônicas e Subalternas". *Horizontes Antropológicos – Corpo, Doença e Saúde*. Porto Alegre, ano 4, n. 9, outubro, pp. 103-117.

KULICK, Don. 1998. *Travesti: Sex, Gender and Culture among Brazilian Transgendered Prostitutes*. Chicago: The University of Chicago Press.

JAYME, Juliana. G. *Travestis, Transfromistas, Drag-queens, Transsexuais: Personagens e Máscaras no Cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da professora doutora Suely Kofes. Out. 2001. Mimeo.

LOPES, Suzana Helena S. S. 1995. "Corpo, Metamorfose e Identidades – de Alan a Elisa Star". In LEAL, Ondina F. (Ed.) *Corpo e Significado*. Porto Alegre: Editora da Universidade.

LOURO, GUACIRA LOPES. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2001, vol.9, no.2 [citado 17 Janeiro 2005], p.541-553. Disponível na World Wide Web: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2001000200012&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200012&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 0104-026X.

OLIVEIRA. Neusa Maria. 1994. *Damas de Paus – O jogo aberto dos travestis no espelho da mulher*. Salvador. Centro Editorial e Didático.

OLIVEIRA, Marcelo J. *O Lugar do Travesti em Desterro*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Centro Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação do professor doutora Hélio Silva. Dez. 1997. Mimeo.

OLIVEIRA. Pedro Paulo. 2004. *A Construção Social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ.

RUBIN, Gayle. 2003. "Pensando sobre Sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade". *Cadernos Pagu*, nº. 21. pp. 01-88.

SILVA, Hélio R. 1993. *Travesti – A invenção do Feminino*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ISER.

SILVA, Hélio & FLORENTINO, Cristina. 1996. A sociedade dos travestis: espelhos, papéis e interpretações. In: PARKER, Richard & BARBOSA, Regina (orgs.) *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: ABIA/IMS-UERJ/Relume-Dumará.



STRAUSS, Anselm. 1995. *Espelhos e Máscaras*. São Paulo: Edusp.

VALE DE ALMEIDA, 2000. Miguel. *Senhores de Si – um interpretação Antropológica da Masculinidade*. Lisboa: Fim de Século.

WELZER-LANG, DANIEL. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2001, vol.9, no.2 [citado 28 Abril 2005], p.460-482. Disponível na World Wide Web:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2001000200008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200008&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 0104-026X.

### **Fontes eletrônicas**

BENEDETTI, Marco R. HORMONIZADA! Reflexões sobre o uso de hormônios e tecnologia do gênero entre travestis de porto alegre. Trabalho apresentado XXII Encontro Anual da Anpocs Caxambu, MG, 27 a 31 de Outubro de 1998. <<http://www.clacso.edu.ar/~libros/anpocs/renato.rtf>>. Consulta em 07/03/2004.

GUIMARRÃES Jr. Mário JL. [http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/plat\\_amb.html](http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/plat_amb.html). Consulta em 07/02/2005.

GUIMARRÃES Jr. Mário JL. [http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/ciber\\_cenario.html](http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/ciber_cenario.html). Consulta em 10/03/2005.

FONSECA, Ana João Mexia Sepulveda da. O paradoxo entre o real e o imaginado [www.europrofem.org/02.info/22contri/2.10.pt/fonseca/Ana%200.html](http://www.europrofem.org/02.info/22contri/2.10.pt/fonseca/Ana%200.html). Consulta em 12/01/2005.